

## A MEDICINA REPRODUTIVA NO BRASIL REPRODUCTIVE MEDICINE IN BRAZIL

Lister de Lima Salgueiro\*

Neste ano comemoramos 30 anos do nascimento do primeiro bebê de proveta nascido no mundo. Louise Brown nasceu no dia 25 de julho de 1978, na Inglaterra, através da técnica de fertilização *in vitro* desenvolvida pelos doutores Robert Edwards e Patrick Steptoe.

O nome “bebê de proveta” foi dado pelos jornalistas brasileiros, que tentaram traduzir o nome dado pelos jornalistas ingleses “bebê de tubo de ensaio”, e escolheram a proveta, cilindro de vidro utilizado para medir líquidos, como o símbolo dessa nova tecnologia.

Desde então, mais de três milhões de crianças nasceram no mundo em decorrência dessa técnica, e dessas, mais de 800 na cidade de Sorocaba. Parece muito, mas é um número irrisório quando sabemos que o Brasil, com seus quase 200 milhões de habitantes, faz em torno de 12.000 casos por ano, e países como Israel e Dinamarca, com pouco mais de seis milhões de habitantes, realizam 25.000 e 12.000 ciclos por ano, respectivamente.

Na Europa, a taxa de natalidade veio caindo progressivamente com o passar dos anos até atingir um patamar onde quase não nascia ninguém e a população envelhecia. Isso levou vários países a adotarem medidas para aumentar a população incentivando os casais a terem filhos. Na França, o projeto recebeu o nome de *Baby Boom*, onde o governo pagava não somente os custos dos tratamentos de reprodução como também um bônus pelos dois primeiros anos de vida; bônus este que aumentava se fosse o terceiro filho da família.

Muitos podem perguntar por que precisamos desse tipo de tratamento em nosso país, com quase 200 milhões de pessoas, uma vez que não precisamos de mais bocas para alimentar e que mal conseguimos manter a saúde de nosso povo adequadamente; e outros questionam por que esses casais sem filhos não adotam as milhares de crianças abandonadas.

Assim como a contracepção, a reprodução assistida também faz parte do planejamento familiar. Desse modo, casais que querem ter seus próprios filhos poderiam conseguir seu objetivo. A adoção é um ato de amor sem tamanho, mas não é a solução para os casais sem filhos e nem para as crianças órfãs.

Assim como os países europeus, a taxa de natalidade brasileira vem caindo desde 1944. O número de nascidos por mil habitantes diminuiu de 44 em 1944 para 21,2 em 1999. Em 1962 a taxa de nascimentos era de 6,2 filhos por mulher e neste ano a taxa chegou a 2,0 filhos por mulher. Para que seja feita a manutenção da população é necessário, pelo menos, 2,0 filhos por casal. Isso significa que nos próximos anos ocorrerá uma diminuição na população brasileira.

Existem mais de 180 clínicas de reprodução assistida no Brasil, e em mais de 95% os tratamentos são particulares. Existem poucos centros de reprodução do governo e a maioria na cidade de São Paulo. Estes centros foram criados para tentar oferecer um tratamento de baixo ou sem custo, porém, o resultado foi desastroso. Hospitais, como o Pérola Byington, apresentam filas de até quatro anos, e centros, como o do Hospital das Clínicas, têm mais de 10.000 casais inscritos, porém, no último ano realizaram somente 80 casos escolhidos.

Recentemente, o governo pressionou os congressistas para conseguir a aprovação da nova CPMF, chamada de CSS, afirmando que se a medida passasse, seriam implantados centros de reprodução humana para tratamentos através do SUS.

Sem dúvida alguma, o custo do procedimento ainda é o maior fator limitante para que os pacientes consigam fazer o tratamento. Se 100 casais iniciam a vida conjugal no mesmo momento, no primeiro mês, 50 engravidam e cinquenta não; no segundo ciclo 25 engravidam e 25 não; e no terceiro mês 12 engravidam e 13 não; e assim por diante. Desse modo, as chances depois de três tentativas são de 87%. Por isso, muitos países pagam de três a cinco tratamentos por casal.

Em nosso país, não temos apoio algum do governo e nenhum plano de saúde aceita este tipo de tratamento. Algumas soluções seriam o governo fornecer centros de tratamento efetivos e/ou facilitar o tratamento particular, diminuindo o custo dos materiais e medicações com redução de impostos, por exemplo. Outra solução seria incluir os tratamentos nos planos de saúde ou, pelo menos, facilitar o crédito para pessoas que quisessem se submeter a tal tratamento.

Esperamos que essas atitudes não demorem o tempo suficiente para perceber que a população está envelhecida e que terão que ser tomadas providências para manter o crescimento da população brasileira.

---

**Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 10, n. 4, p. 25, 2008**

\*Andrologista, ginecologista e especialista em Medicina Reprodutiva.  
Recebido em 30/10/2008. Aceito para publicação em 4/11/2008.

Contato:

Clínica Fértil de Medicina Reprodutiva

Sorocaba - São Paulo/SP

Telefones: 15-3233-0708 / 11-3661-9132

E-mail: fertilis@globlo.com

Site: www.fertilis.com.br